

*Sou o primeiro da família a estar na universidade: os discursos de
estudantes da UFC*

Danyelle Nilin Gonçalves

Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará

Brasil

Email: danynilin@yahoo.com.br

Resumo

Um fenômeno vem chamando a atenção de pesquisadores do campo das ciências humanas: a participação de alunos que não fazem parte do perfil que tradicionalmente ocupava o ensino superior brasileiro vem aumentando gradativamente nos últimos anos no Brasil. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a porcentagem de pessoas pobres nas universidades públicas brasileiras quadruplicou de 2003 a 2013. Nas universidades privadas a participação de pobres também cresceu, embora de forma mais tímida, saindo de 1,3% para 3,7%. Ainda assim, é possível afirmar que os indicadores brasileiros são muito baixos se comparados aos dos países da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico, ficando muito abaixo de países emergentes como Turquia e México. Os dados chamam a atenção, justamente pelo peso atribuído historicamente ao ensino superior no país. Como afirma Severino (2008), o ensino universitário tem sua importância proclamada tanto pela retórica oficial como pelo senso comum predominante no seio da sociedade. É-lhe atribuída significativa participação na formação dos profissionais dos diversos campos e na preparação dos quadros administrativos e das lideranças culturais e sociais do país, sendo visto como poderoso mecanismo de ascensão social, cabendo destacada valorização para o ensino oferecido pelas universidades públicas. Dada essa situação de relevância do ensino superior e da flagrante desigualdade de acesso a ele, o aumento de vagas e a democratização do acesso à educação superior sempre esteve nas pautas das lutas dos movimentos sociais pela melhoria da educação, se transformando em metas estipuladas nos últimos Planos Nacional de Educação. Nos últimos anos surgiram vários programas governamentais e políticas que vêm contribuindo para o aumento da entrada na universidade desses grupos tradicionalmente excluídos da educação superior. O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a presença dos alunos da Universidade Federal do Ceará que fazem parte da primeira geração familiar de ingressantes no ensino superior brasileiro, a partir dos discursos produzidos por eles. Busca apreender quais significados os universitários nessa condição atribuem à estada na universidade, como elaboram as noções de meritocracia, direitos sociais e reconhecimento, como percebem o lugar de pertencimento a uma universidade e suas perspectivas de futuro. Do ponto de vista metodológico a pesquisa utiliza como material empírico, entrevistas, questionários e grupos focais, análise da rede social facebook, além de pesquisa documental (memoriais e trabalhos de conclusão de curso) e bibliográfica. A principal contribuição é contribuir para a reflexão sobre o impacto que a entrada na universidade causa para seus componentes.

Palavras-chaves: Educação superior; desigualdades; meritocracia.

Abstract

A phenomenon calls the attention of researchers in the field of human sciences: the participation of students who are not part of the profile that traditionally occupied Brazilian university education it has been gradually increasing in recent years in Brazil. According to data from the *Brazilian Institute of Geography and Statistics* (IBGE), the percentage of poor people in Brazilian public universities has quadrupled from 2003 to 2013. In private universities, the participation of the poor also grew, albeit in a more timid way, from 1.3 % to 3.7%. Even so, it is possible to affirm that the Brazilian

indicators are very low compared to the countries of the Organization for Economic Cooperation and Development, falling well below emerging countries like Turkey and Mexico. The data draw attention, precisely because of the historically attributed weight to superior education in the country as an elite thing. As Severino (2008) affirms, university education has its importance proclaimed both by official rhetoric and by common sense prevailing within society. To the superior education It's given a significant participation in the training of professionals in the various fields and in the preparation of the administrative and cultural and social leadership of the country, being a powerful mechanism for social ascension, with a strong emphasis on the teaching offered by public universities. Given this situation of superior education relevance and the flagrant disparity of access to it, the increase in position and the democratization of access to superior education it has always been in the guideline of social movements' struggles for better education, becoming goals stipulated in the National Plans of Education in recent years. Also, in the last years, several government and political programs have emerged, and they have contributed to the increase in university admission of those groups traditionally excluded from superior education. The present study purposes to reflect on the presence of the students of the Federal University of Ceará, who are part of the families' first-generation members that have access to superior education, based on the discourses produced by them. It seeks to understand what meanings the university students in this condition attribute to the stay in the university, how they elaborate the notions of meritocracy, social rights and recognition, how they perceive the place of belonging to a university and its perspectives for the future. From the methodological point of view, the research uses as empirical material, interviews, surveys and focus groups, analysis of the facebook's social network, as well as documentary research (memorials and conclusion works) and bibliographical research. The main contribution is to input to the reflection on the impact that the entrance in the university causes for its components.

Keywords: Superior Education, Social Disparity, Meritocracy.

Introdução

Dentre tantas questões que caracterizam a sociedade brasileira ao longo dos séculos, o acesso ao sistema público de educação superior brasileiro se mostrou bastante desigual e nunca fugiu a essa regra. Ao longo de dois séculos de exames de admissão e de um século de “vestibulares”, privilegiou-se o desempenho nos processos seletivos de ingresso, permitindo assim que uma pequena parte dos estudantes brasileiros tivesse acesso ao último estágio da educação, denominada de “educação superior”.

Essas disparidades flagrantes do sistema educacional contribuíram para que o Brasil tenha ainda hoje uma das taxas de escolaridade mais baixas do continente, ficando atrás inclusive de países vizinhos com menor PIB. O relatório *Education at a Glance* 2015 que congrega dados de 34 países membros da OCDE mostrou que apenas 14%

dos adultos brasileiros tem ensino superior enquanto a média dos países da OCDE é de 35%. Mesmo em comparação com países da América Latina, o país ainda fica bem atrás, como mostram os seguintes dados: Costa Rica (18%), México (19%), Chile (21%) e Colômbia (22%).

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a presença dos alunos da Universidade Federal do Ceará que fazem parte da primeira geração familiar de ingressantes no ensino superior brasileiro, a partir dos discursos produzidos por eles sobre a estada na universidade, noções de meritocracia, direitos sociais e reconhecimento, do lugar de pertencimento a uma universidade e suas perspectivas de futuro.

Do ponto de vista metodológico a pesquisa já concluída utilizou como material empírico, entrevistas, questionários e grupos focais, análise da rede social facebook, além de pesquisa documental (memoriais e trabalhos de conclusão de curso) e bibliográfica.

A vida na universidade é cheia de ritos, de expectativas e de práticas que não são assimiladas facilmente ou de maneira “natural”, levando um tempo para que algumas práticas se incorporem. Para muitos, é universo completamente estranho ao já vivenciado por eles e, em alguns casos, é possível que eles afirmem que aquele ambiente lhes é hostil e que não foi feito para eles.

A fim de captar essas percepções e de como os alunos vivenciam esse medo e refletem sobre a estada na universidade, decidimos entrevistar alunos cotistas e não cotistas. A pesquisa se debruçou sobre 7 casos de estudantes que foram a primeira geração a ingressar na universidade.

A escolha se deu de maneira aleatória, a partir da adesão das pessoas à pesquisa. Num primeiro momento foi divulgado no facebook e a partir dessa adesão, os entrevistados foram sendo selecionados. Em dois casos, a escolha partiu da própria pesquisa. Para fins de comparação, elegemos 2 casos de pessoas que estudaram no período anterior ao estabelecimento de políticas mais incisivas de inclusão social, ainda nos anos 90. O restante estudou ou ainda estuda na universidade, sendo 3 deles cotistas.

A universidade brasileira em questão: disparidades e ausências

Desde o início do século XIX, o ingresso nas escolas superiores esteve ligado à realização de exames de admissão eliminatórios, que foram chamados pela primeira vez de “vestibular” em 1915. A preparação para o ingresso no ensino superior, conseqüentemente a preparação para estes exames, passou a ser o objetivo principal do ensino médio propedêutico.

Atualmente, embora o ensino superior contemple atividades de ensino, de pesquisa e de extensão (Brasil, 2001b) a tônica da maioria dos cursos, recai sobre a profissionalização e a formação técnica. Isto é, se vai para o ensino superior, principalmente para obter empregos e construir carreiras que, de outra forma seriam difíceis e, em alguns casos, impossíveis.

A lógica seletiva dos vestibulares privilegiou determinadas camadas da população. Um traço do ensino superior brasileiro foi que ele se desenvolveu primeiramente em faculdades isoladas que não tinham como objetivo a produção de conhecimento, mas a profissionalização das classes mais altas da sociedade brasileira (Cunha, 2003). Ainda mesmo quando não havia essas instituições no Brasil, na colônia, os filhos das camadas mais altas da população brasileira iam a Portugal para estudar e ocupar os altos postos da administração pública brasileira.

Quando essas instituições passaram a existir no Brasil, a lógica seletiva se manteve. Dessa forma, o público que normalmente adentrou nessas instituições, consideradas ao longo do tempo como as melhores com base nos sistemas de avaliação, foram os provenientes das melhores escolas de ensino secundário, a maioria da rede privada, procedentes dos estratos sociais mais elevados.

Ao longo do século XX, essa característica se manteve. Como essas seleções passaram a ser extremamente concorridas e o número de vagas, bem menor do que a concorrência foi criando no seio da sociedade uma lógica de que o mérito (trabalho, inteligência, suor, foco e determinação) era o verdadeiro motivo do ingresso, desconhecendo assim que as condições de partida influenciavam quase que diretamente nas condições de chegada. Ao longo das últimas três décadas do século XX, a lógica do vestibular foi ganhando maior fôlego e criadas diferentes escolas privadas para essa finalidade, capazes de proporcionar o êxito dos alunos. Na mesma medida, foi se dando um esvaziamento de investimentos para a escola pública que viu

encolher os índices de aprovação nesses concursos, ficando evidente a disputa desleal em relação às escolas privadas.

Chegar, portanto, à universidade, passou a ser a meta das escolas, dos pais e dos alunos, por conseguinte. Estudar nas escolas privadas era o meio mais certo de adentrar a universidade pública brasileira, considerada desde o início de sua existência como a de maior excelência.

Severino (2008) assegura que o ensino universitário tem sua importância proclamada tanto pela retórica oficial como pelo senso comum predominante no seio da sociedade. É-lhe atribuída significativa participação na formação dos profissionais dos diversos campos e na preparação dos quadros administrativos e das lideranças culturais e sociais do país, sendo visto como poderoso mecanismo de ascensão social, cabendo destacada valorização para o ensino oferecido pelas universidades públicas.

As flagrantes desigualdades brasileiras e esses traços históricos ajudaram a consolidar o caráter de distinção que marca esse nível de ensino até os dias atuais. Apesar de tantas novas ocupações e profissões surgirem com o advento da rede mundial de computadores (muitas delas independentes de cursos de formação superior), ainda é o sonho de consumo de grande parte dos estudantes brasileiros, de diferentes classes sociais.

A percepção de que é possível estar nesse lugar varia de grupo a grupo, no entanto. Se para uns, essa é uma realidade flagrante, uma quase extensão dos estudos, como se fosse puramente um mudar de nível de escolaridade, para outros, isso aparece como um sonho possível, mas pelo qual se tem que trabalhar com afinco. Todavia, para a maior parte dos estudantes brasileiros (os pobres, oriundos de escola pública, aqueles que foram reprovados em alguma série, os que foram alfabetizados tardiamente, etc), a universidade apareceu muitas vezes como uma possibilidade remota ou impossível, nem figurando entre os sonhos e desejos de muitos.

Além das desigualdades sócio-econômicas, questões territoriais e geográficas também se impuseram nesse cenário. As flagrantes diferenças entre as capitais dos estados e cidades de maior porte (onde se congregavam a quase totalidade das universidades) e as cidades de menor porte também reforçavam as dificuldades de parte do alunado brasileiro de continuar seus estudos. Até a década de 80 do século XX, muitas cidades

brasileiras não contavam ainda com escolas de ensino secundário, obrigando jovens a se deslocarem para outros municípios a fim de dar prosseguimento aos estudos. No caso das universidades, essa era uma realidade ainda maior, posto que ela se concentrou basicamente nas capitais, sendo o processo de interiorização algo ainda em andamento.

Dessa forma, podemos perceber que, durante muito tempo, a universidade brasileira não representou historicamente a pluralidade e diversidade de sua sociedade. Ao contrário, se compôs de pessoas brancas, de classe média e classe alta, oriundas em geral, das capitais e moradoras de bairros com maior poder aquisitivo, com capital cultural escolar mediano ou alto e com pais com escolaridade elevados.

As diferenças educacionais brasileiras podem ser consideradas um dos grandes agravantes da pobreza e do ciclo vicioso de perpetuação das desigualdades sociais, já que estudos revelam que ter um curso superior no país impacta na renda adquirida pelo trabalho. Aqueles que terminam o curso superior tendem a ganhar o dobro de quem terminou apenas o ensino médio. Isso tende a aumentar quatro vezes se o trabalhador tem mestrado e doutorado. Inclusive por isso, entrar em uma universidade, ter um “canudo” (como comumente os diplomas são chamados), ser “formado” é garantia de distinção social, prova cabal de que, na competição, quem assim o conseguiu, terá novas e melhores oportunidades na vida (SPARTA & GOMES, 2005).

Todavia, como já dito, estar na universidade é um privilégio destinado a uma parte da população. Os números brasileiros demonstram essas desigualdades. Dos 51 milhões de jovens brasileiros, dentre os 208 milhões do total da população, 9,6 milhões não estudam e nem trabalham, fazendo parte da chamada geração “Nem-Nem”. A média de anos estudados da juventude brasileira é de 10,1, mas esse número tende a se modificar dependendo das condições de vida: se esse jovem é morador do campo, a média de anos estudados é de 8,3, se é negro é de 9,5, se é morador do Nordeste do país é de 9,3 e se é mulher é de 10,5 (INEP, 2015).

Dada a situação de relevância do ensino superior e da flagrante desigualdade de acesso a ele, o aumento de vagas e a democratização do acesso à educação superior sempre esteve nas pautas das lutas dos movimentos sociais pela melhoria da educação. Ampliar o acesso, torná-la mais diversificada, permitir o ingresso de camadas pobres

foi e segue sendo a bandeira de lutas de movimentos e de alguns partidos políticos (SANTOS , 2007).

Até o início dos anos 2000, essa realidade caminhava timidamente. Os alunos oriundos das escolas públicas e de cidades do interior ainda eram minoria nos cursos superiores. E em alguns cursos (sobretudo aqueles que a concorrência para a entrada era feroz) era possível encontrar turmas inteiras de alunos de camadas sociais “homogêneas”. Quando algum pobre ou aluno de escola pública ou de uma zona rural brasileira furava ao bloqueio era motivo suficiente para aparecer em grandes jornais de circulação ou mesmo ainda na televisão como prova de que o esforço e o foco faziam a diferença. Em pouquíssimos casos, se problematizava essa realidade tão desigual. Ao contrário, quase sempre se focou na pessoa que obteve êxito, como se o acesso ao ensino superior fosse meramente uma questão a ser resolvida no âmbito pessoal.

Entretanto, o incômodo com essa questão começava a ganhar maiores dimensões. Ainda em 2002, algumas mudanças começaram a acontecer nessa seara. Foi instituído o Programa Diversidade na Universidade, por meio da Lei 10.558, que buscava inserir afrodescendentes e/ou indígenas na educação superior. Em 2008, o Projeto de Lei 180 instituiu um percentual de 50% de vagas nos processos seletivos para estudantes que tivessem cursado o ensino médio integralmente em escolas públicas. Além da cota para os egressos de escola pública, ficou estabelecido que 50% dessas vagas deveriam ser destinadas aos estudantes cuja família possuísse renda igual ou inferior a 1,5 salário mínimo per capita.

Em 2012 foi aprovada a Lei 12.711, determinando que as universidades federais destinariam 50% de suas matrículas para estudantes autodeclarados negros, pardos, indígenas (utilizando-se para isso utilizando as definições do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), alunos de baixa renda, com rendimentos igual ou inferior a 1,5 salário mínimo per capita, e que tivessem cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

A fim de concretizar o que a lei preconizava, as instituições teriam até 2016 para cumprir essa meta. Todavia, algumas passaram a cumprir integralmente a determinação, como no caso da Universidade Federal do Ceará que desde 2014 passou

a ter em seu quadro de alunos 50% de alunos dentro do perfil estipulado pela legislação.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a porcentagem de pessoas pobres nas universidades públicas quadruplicou de 2003 a 2013. Se em 2004 os 20% mais pobres da população representavam 1,7% do total de alunos em 2013 esse número passou para 7,2%. Paralelamente, a participação dos 20% mais ricos na universidade pública recuou de 55% para 38,8%. Nas universidades privadas a participação de pobres também cresceu, embora de forma mais tímida, saindo de 1,3% para 3,7%.

Fato a considerar é que o ensino superior brasileiro se concentra na sua imensa maioria na rede privada: 87,5% dos centros universitários, faculdades e universidades enquanto a rede pública é de apenas 12,5%. 62% dos alunos fazem seus cursos no turno noturno e na modalidade presencial, embora a modalidade a distância venha aumentando a cada ano.

Podemos afirmar que estamos vivenciando de maneira massiva a entrada de alunos que são os primeiros de suas famílias a estarem na universidade. Isso traz consigo uma série de questões novas a observar.

A vida na universidade é cheia de ritos, de expectativas e de práticas que não são assimiladas facilmente ou de maneira “natural”, levando um tempo para que algumas práticas se incorporem. Para muitos, é universo completamente estranho ao já vivenciado por eles e, em alguns casos, é possível que eles afirmem que aquele ambiente lhes é hostil e que não foi feito para eles.

Metodologia

A fim de captar essas percepções e de como os alunos vivenciam esse medo e refletem sobre a estada na universidade, decidimos entrevistar alunos beneficiários e não beneficiários das cotas. O perfil dos entrevistados se deu da seguinte maneira:

Entrevistado 1	Homem	41 anos	Anos 90	Escola pública	Interior do ceará- zona rural
----------------	-------	---------	---------	----------------	-------------------------------

Entrevistado 2	Homem	43 anos	Anos 90	Escola pública	Interior do Ceará- zona rural
Entrevistado 3	Mulher	18 anos	Segunda década de 2000	Escola pública	Interior do Ceará- zona rural
Entrevistado 4	Homem	26 anos	Segunda década de 2000	Escola particular/ com bolsa	Fortaleza
Entrevistado 5	Homem	29 anos	Segunda década de 2000	Escola pública	Interior do Ceará- zona urbana
Entrevistado 6	Homem	22 anos	Segunda década de 2000	Escola particular	Fortaleza
Entrevistado 7	Homem	21 anos	Segunda década de 2000	Escola pública	Fortaleza

Análise e discussão de dados

Para fins de sistematização, transcrevo as trajetórias escolares antes de entrar na universidade dos dois entrevistados que ingressaram na universidade na década de 90.

Entrevistado 1

Nasceu em um sítio do município de Jucás. Não tinha água e energia elétrica em casa. Filho de um agricultor e de uma professora de ensino fundamental que trabalhava na escola construída no próprio sítio, foi a própria mãe que o alfabetizou e o incentivou a prosseguir os estudos. Desde criança se dividiu entre os estudos e o trabalho de meio período na roça, satisfazendo assim o desejo do pai. Ao terminar o ensino fundamental 1, na escola onde sua mãe ocupava os cargos de professora e merendeira, foi necessário se deslocar para uma escola maior, fato que o levava a andar vários quilômetros por dia, auxiliado por uma bicicleta que sua mãe fazia a manutenção. A ida a escola em si já

era uma aventura para um aluno de 10 anos. Ao terminar o ensino fundamental, foi necessário mudar para uma cidade maior, já que em sua cidade não havia escola de ensino secundário (nomenclatura à época). Para isso, foi necessária uma negociação da mãe com o pai, a fim de que o liberasse para os estudos. Chegar na nova cidade e na nova escola não foi um processo simples, já que vinha de um sítio da zona rural e não tinha tido acesso a televisão e a gibis. O que reverteu o processo foi justamente o fato de ser estudioso e, portanto, ser considerado valioso para os colegas de classe. Posteriormente, dois professores, ao verem seu potencial, pagaram um cursinho que ele fazia à noite, depois de estudar o dia inteiro. A inscrição no vestibular foi adiada, tendo em vista que ele não tinha o documento de identidade, necessário para tal fim. O intervalo de tempo entre o fim do ensino secundário e a entrada na universidade permitiu que ele tivesse uma experiência com a docência.

Entrevistado 2

Nascido na zona rural de Novo Oriente, vindo de uma família de agricultores, com sete irmãos, sendo um deles portador de deficiência, a condição do irmão foi o grande elemento definidor para que os filhos estudassem. Os homens (exceto o irmão) se dividiam entre o trabalho na roça e os estudos, no outro período. O fato de que o irmão precisou se mudar para a “cidade” (zona urbana) para continuar os estudos, possibilitou que os irmãos, pouco a pouco fossem se mudando e abandonando a zona rural. O pai comprou uma casa na cidade e assim, os filhos foram estudar na cidade. A vinda para Fortaleza foi uma consequência do prolongamento dos estudos e o irmão mais velho foi o grande mentor para que os outros também o fizessem. A vinda para Fortaleza, no entanto, precisou ser negociada com o pai. O irmão, como sendo o primeiro a vir, precisou morar na casa de parentes e, segundo o entrevistado, foi o que mais sofreu por isso. Os demais já vieram numa situação menos desconfortável, tendo vindo morar na casa que o pai comprou, na periferia de Fortaleza. A opção por fazer o vestibular não foi imediata, já que havia possibilidades de fazer cursos técnicos. O exemplo do irmão, que entrou na universidade no curso de História, foi o grande definidor, aliada às aulas que o entrevistado tinha no ensino secundário.

Dois entrevistados, apesar de serem os primeiros da família a estarem na universidade, estudaram em escolas particulares. Um deles, sem grandes atropelos financeiros, pois os

pais eram de classe média, apesar de não terem curso superior, por motivos variados. O outro estudou em escola particular durante todo o período com bolsas de estudo integral. O entrevistado credita sua situação a uma posição muito privilegiada, que permitiu que ele pudesse ter acesso a um estudo bom e considera que sempre tentou fazer por merecer a distinção da bolsa. O último ano de estudo foi realizado em uma das melhores escolas da de Fortaleza, fato pelo qual ele se submeteu a uma rígida seleção, tendo obtido resultados que possibilitaram que ele tivesse bolsa integral. Toda a trajetória escolar, no entanto, foi a de vivenciar uma realidade da qual ele não fazia parte (roupas, brinquedos, viagens). Entrar na universidade foi a consolidação da meta a que se propôs.

Para alguns dos entrevistados (cotistas e não cotistas), a ajuda de agentes externos, como programas sociais ou institucionais também foram relevantes para a entrada na universidade. Chama a atenção também experiências de fortalecimento de grupos que se auto-organizam para ajudar pessoas a alcançar índices positivos nas avaliações para a entrada na universidade. O caso do Programa De Educação Em Células Cooperativas (PRECE) é bem emblemático nesse sentido (RAMOS, 2009). Nascido na zona rural cearense de Pentecoste, ainda nos anos 90, desde então vem contribuindo de maneira muito exitosa, para que estudantes de origem popular ingressem na universidade pública e retorne, às suas comunidades de origem para desenvolver projetos sociais educacionais, de desenvolvimento econômico e de empoderamento comunitário. Ao longo desses anos, mais cerca de 1.000 alunos ingressaram em diferentes cursos, incluindo aqueles com mais prestígio social.

Esse foi o caso de uma das entrevistadas que teve contato com a possibilidade de estudo de forma mais eficiente através do Prece. Ver os alunos da universidade frente a frente, considerada por ela como superheróis e ter acesso à metodologia desenvolvida por eles, permitiu que a entrevistada pudesse sonhar com a possibilidade de estar na universidade. Ainda no segundo ano do ensino médio, realizou a prova do Enem, mas ficou bem aquém do que esperava. No ano seguinte, tentou novamente, tendo sido exitosa para a entrada ainda na primeira chamada do SisU.

Ingressar na universidade é considerado por muitos entrevistados, como a realização de um sonho. Todavia, estar nela, se traduz como uma série de desafios: falta de dinheiro

para comprar livros ou fazer cópia dos textos, para comer e pagar as passagens, dificuldades de entendimento dos textos e de acompanhamento das discussões, o choque entre capitais culturais distintos, seja os que são exigidos pelas leituras e pelos professores (em alguns casos, entrevistados relataram nunca ter lido um livro anteriormente à entrada na universidade) e a sensação de que são mundos muito distintos e uma percepção de inadequação estão presentes nas falas de entrevistados e de muitos alunos que utilizam o facebook para desabafar.

Entendendo que a Internet é um contexto aberto para interações sociais onde as práticas, significados e identidades são mistos e que essas interações em ambientes virtuais trazem novos desafios para os pesquisadores sociais e abrem um novo campo de investigação (2010), esse foi um meio de análise para o acompanhamento da página do facebook de alunos de diferentes cursos da universidade, já que nelas muitos alunos se manifestam sobre os suas vidas, seus problemas e desafios. Escolhi um desses relatos que é bem sintomático dessa sensação de inadequação. Após ver um vídeo que relatava o adoecimento geral causado pelos inúmeros problemas vivenciados quando na universidade, a aluna, estudante de ciências sociais, dos últimos semestres postou um desabafo que foi curtido e comentado por 195 pessoas que, em geral, concordavam, se solidarizavam e acrescentavam mais questões à sua análise.

Depois de ver esse vídeo criei coragem pra relatar umas paradas pessoais sobre minha vivência na universidade. Entrei na UFC em 2009 (último vestibular antes da federalização do sistema ENEM), tive que ler dez livros pra caírem dois na prova! Logo ingressei no movimento estudantil, bem no segundo semestre. E desde esse tempo eu me via muito só naquele lugar em que na minha turma só haviam quatro pessoas de escola pública contando comigo. Eu sou da região metropolitana e gastava um tempão pra chegar na faculdade (nessa época o famigerado metrô nem sonhava em ficar "pronto"). Quando acabava a aula eu via geral entrando nos seus carros (provavelmente um mimo por ter entrado na UFC), mah, aquilo me chocou muito! Como assim, essa galera não tem 20 anos ainda!? Enfim, estava experimentando as primeiras contradições de ser uma estudante pobre entrando em contato com a classe média universitária, nascidas e criadas no Farias Brito (me passo, porque posso), e moradores da Aldeia Aldeota. Por isso a minha vontade de me organizar logo de cara, a vida acadêmica não me atraiu em nada! Eu queria "ganhar" consciência e transformar a universidade, tava com gás total. Aí vc entra no movimento estudantil e todo mundo tem carro e eu era uma das únicas negras, mas aí é o reflexo do ingresso nas universidades públicas. Já aprendemos que educação gratuita e de

qualidade é pra poucos: brancos, classe média, heterossexuais. Isso é uma realidade brasileira! Avançamos e agora tamo retrocedendo. Voltando agora pra questão da vivência universitária.. Sempre me incomodei com professores que não "entendiam" e nem se esforçavam pra compreender o novo perfil de estudantes que tava chegando nas públicas. Eu fiz quase todo meu ensino básico em escolas públicas e eles exigiam que vc estivesse pronta pra ler um livro acadêmico e fichar. Oi? Por favor, o que é um fichamento? haha E olha que eu adorava ler, já tinha lido umas dezenas de literatura, mas isso não foi suficiente pra eu me sentir "preparada" pra enfrentar aquelas disciplinas. Sem contar que os professores (pela lógica mercadológica de preencher o LATTES) estavam muito ocupados, pressionados e reproduziam a mesma lógica com suas alunas e alunos. Vc tem noção do que é estar num local privilegiado quase de sopetão? Explico. Só o fato de estar numa universidade pública te faz privilegiada, porque muita gente do meu bairro ou escola não sonhavam com isso. Eu tive oportunidade! Sim, oportunidade. Mesmo que com diversas deficiências sistêmicas. Eu tava lá e não foi por mérito pessoal. Meritocracia é uma farsa e me dá sono. Do núcleo familiar que faço parte só minha irmã (a primogênita) e eu acessamos a Universidade pública. Meus outros dois irmãos não tiveram essa chance. E não somos melhores do que eles por causa disso! Me sentia uma peixe fora do aquário quando escutava pessoas do SEGUNDO semestre falando do sonho de mestrado. Pessoas essas que tinham tempo pra estudar e só, provavelmente tinham empregadas pra não executarem as tarefas domésticas. Eu comecei a cozinhar pra minha família aos 13 anos. Tinha outras coisas pra fazer e pensar fora dos muros. Aí "vc deve tá pensando o que vc tem a ver com isso"! E foi ser militante pra quê, fia? Foi participar de milhares de eventos (políticos) no país todo pra quê, se não podia? É nessa hora que fico pensando: o fato de ter tido oportunidades desiguais do conjunto da militância universitária faz com que eu esteja de fora? Fora da possibilidade de lutar por ideais que eu acredito? Porque eu não poderia? Hoje eu penso que, talvez, se tivesse me concentrado, apenas, na vida acadêmica estaria num doutorado e com uma vida melhor. Poxa! Que absurdo! Eu sei que ainda tô na graduação, mas isso só diz respeito a mim. Diz respeito à escolhas que fiz. E já estão feitas. Paciência. Agora pouca gente sabe o que vivi e enfrentei pra tentar me formar, ainda tento. Tive a sorte de no momento mais difícil pra mim, na universidade, encontrar um professor que me disse a seguinte frase: a vida vai além de fazer um curso universitário. Nossa! Aquilo me salvou naquele momento. Momento esse em que tive que me ausentar um semestre pra cuidar de questões pessoais. Questões essas que me fizeram adquirir ansiedade/ depressão. E no retorno à UFC eu só conseguia me sentir inferior, menor do que aqueles lattes. Sempre me inferiorizei, sempre. Isso é muito cruel. Tenho muita dificuldade em concentração, no ofício da estudante "profissional". Pensei várias vezes em abandonar o curso, a faculdade e viver de qualquer coisa, menos daquilo que me fazia mal. Achei que não era pra mim, que eu não ía conseguir. Mas sou teimosa, ainda tô aqui haha. E percebi que a

única coisa que pode me trazer uma possibilidade de futuro melhor é uma formação. É o que tenho e não vou largar isso!E meu mantra é e vai continuar sendo: vdc, vdb e vai ser saaaaaa! Gosto que as pessoas percebam de onde vim e quem eu sou. Mulher, negra, filha de professora (pedagoga) e moradora da região metropolitana.Enfim, as pessoas adoecem na universidade, fato! Não expliquei a razão, mas tá nas entrelinhas. O sistema educacional brasileiro, principalmente o universitário, faz parte de uma lógica absurda de concorrência desleal. Temos que falar sobre como isso influencia na vida pessoal, emocional e psicológica das pessoas que dela vivem. E ser vc for negra ou negro, aí é que precisa de solidariedade mesmo. E a Universidade tem que possibilitar que concluamos nosso curso, para além do ingresso. Isso não vai acontecer, se dependermos dela, mas a gente vai à luta pra isso. Esse lugar é nosso também! Se não vão nos dar, nós toma! “Desde cedo a mãe da gente fala assim: filho, por vc ser preto, vc tem que ser duas vezes melhor. Aí passado alguns anos eu pensei: como fazer duas vezes melhor, se vc tá pelo menos cem vezes atrasado, pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos trauma, pelas psicose, por tudo o que aconteceu? Duas vezes melhor como? Vc ou é o melhor ou é o pior duma vez, sempre foi assim. Vc vai escolher o que tiver mais perto de vc, o que tiver na sua realidade. Vc vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí? Acorda pra vida, rapá!” A vida é desafio- Racionais MC's.

Conclusão

As sensações relacionadas a estar na universidade são dúbias. Há um investimento considerado necessário, afinal, ter formação num país que faz a distinção entre quem tem um diploma e quem não tem é quase um impositivo. Por sua vez, estar em um lugar onde se considera que não é seu, traz uma série de complicações. Palavras como adoecimento, inadequação, luta são recorrentes nas falas dos entrevistados.

Se para os que terminaram nos anos 90, as dificuldades são relatadas com relativa leveza, já que o tempo se encarrega disso e as memórias são realmente seletivas, ainda estar na universidade e vivenciar os problemas no presente, possibilitam que os discursos sejam mais marcados pelas dificuldades, existindo pouco espaço para a leveza. Dessa forma, choros são frequentes e o que se escolhe contar está muito atrelado ao que se vivencia hoje.

Bibliografia

COSTA, António Firmino; LOPES, João Firmino; CAETANO, Ana. (orgs) (2014). Percursos de estudante no ensino superior- fatores e processos de sucesso e insucesso. Mundos Sociais: Lisboa.

RAMOS, Tony Wérison De Sousa (2009) .PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM CÉLULAS COOPERATIVAS: PRÁTICA E PRECE PELA EMANCIPAÇÃO SOCIAL DE PENTECOSTE. Monografia de conclusão do Curso de Ciências Sociais. UFC.

SANTOS, Sales Augusto (2007). Movimentos Negros, Educação e Ações Afirmativas. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Tese de Doutorado.

SEVERINO, Antonio Joaquim (2008). O ensino superior brasileiro: novas configurações e velhos desafios. Educar, Curitiba, n. 31, Editora UFPR.

SPARTA, Mônica; GOMES, William B (2005). Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. Rev. bras. orientac. prof, São Paulo , v. 6, n. 2, p. 45-53.

Páginas consultadas:

<https://exame.abril.com.br/brasil/10-numeros-que-mostram-como-esta-o-ensino-superior-no-brasil/>

www.inep.gov.br

<https://www.oecd.org/brazil/Education-at-a-glance-2015-Brazil-in-Portuguese.pdf>